Especial produzido pela Revista Sabiá

Precisamos retomar a coragem de 1968.

A partir de maio de 1968, um período de agitação civil ocorreu em toda a França, durando cerca de sete semanas e pontuado por manifestações, greves gerais, bem como a ocupação de universidades e fábricas. No auge dos eventos, que desde então se tornaram conhecidos historicamente como maio de 68, a economia da França parou. Os protestos chegaram a tal ponto que o governo francês temia uma guerra civil ou revolução.

6 de maio - Inicio das manifestações estudantis, com a participação de sindicatos, estudantes e professores.

10 de maio - Noite das barricadas, o primeiro confronto entre manifestantes e a força policial parisiense que deixa o país em choque com a brutalidade policial.

13 de maio - Greve-geral, a maior da história francesa. Sindicatos unem-se aos manifestantes em busca de melhorias salariais - **a França tinha um dos piores salários da Europa nesse período.**

As universidades foram reabertas no mesmo dia após uma ordem do primeiro-ministro George Pompidou. Elas são instantaneamente ocupadas e transformadas em **comunas**.

14 de maio - 500 metalúrgicos aderem a greve-geral.

15 de maio - Primeiras ocupações de fábricas, com apoio de sindicatos e até agentes municipais. A primeira a ser ocupada é a fábrica da **Sud-Aviation - que foi tomada por trabalhadores durante um mês.** Em poucos dias, mais de cinquenta fábricas seriam ocupadas em todo o território francês.

No mesmo dia, um comitê é criado por jornalistas da ORTF, **Escritório francês de radiodifusão e televisão,** o maior conglomerado de mídia do país na época, para aderir à greve-geral.

18 de maio - Nesse dia, um pouco mais de **um milhão de trabalhadores** estavam oficialmente em greve.

19 de maio - Boicote e cancelamento do Festival de Cannes - feito por cineastas e artistas do próprio festival.

20 de maio - O governo francês começa a tentar negociações com sindicatos, grevistas e estudantes. Nesse dia, **quatro milhões estavam oficialmente em greve.**

24 de maio - De Gaulle faz um pronunciamento em rede nacional e é recebido por manifestantes gritando: "Seu discurso, quem se importa?". Durante a noite, manifestantes incendeiam a Bolsa de Paris.

25 de maio - Jornalistas franceses aderem oficialmente à greve. Isso mesmo: a imprensa participou de uma greve-geral! Imagina se fosse no Brasil?

Além disso, é contabilizado que **seis milhões de trabalhadores** estavam em greve, naquele dia. Músicos e artistas iam em fábricas ocupadas fazer shows gratuitos.

27 de maio - Se dá início aos **acordos de Grenelle**, dando também início ao fim do maio francês. Esse acordo foi elaborado pelo primeiro-ministro e se resume em uma série de melhorias salarias exigidas pelos grevistas, assim como o direito por lei de formação de sindicatos em qualquer empresa com mais de cinquenta funcionários.

Em 6 de maio, a União Nacional dos Estudantes da França (**Unef**) – que é ainda o maior sindicato estudantil do país – e o sindicato dos professores universitários convocaram um protesto contra uma prévia invasão policial na Universidade de Sorbonne, uma das maiores da Europa, que levou a prisão de mais de seiscentos universitários. Mais de vinte mil alunos, professores e trabalhadores marcharam em direção a universidade e em pouco tempo foram atacados. Centenas de alunos e professores foram presos. No dia seguinte, **sindicatos de alunos do ensino médio se uniram ao protesto e pediram a retirada de todas as acusações criminais, assim como a reabertura da universidade – que se encontrava isolada pela polícia.**

Já em 10 de maio, dia também conhecido como Noite das Barricadas, outra grande multidão se reuniu na **Rive Gauche** – metade sul da capital francesa, Paris – e começaram a erguer barricadas contra a polícia, que contra-atacou os manifestantes de madrugada. Os estudantes ainda lutavam contra a prisão de estudantes e professores, poucos dias antes, e queriam a reabertura da Sorbonne.

O encontro com os alunos começa por volta das 18h30. De cinco mil alunos, a procissão passou rapidamente para dez mil manifestantes em pouco tempo. Até alunos de medicina, que haviam evitado prévias manifestações por medo de perderem provas e prazos, caminham na marcha. **“Todos loucos, libertem a Sorbonne!”**, gritavam, se referindo a polícia parisiense. Uma hora depois do início do movimento, os manifestantes se dirigem ao Presídio Sanitário, que abrigava alunos e professores detidos. Enquanto os jovens gritam “Libertem nossos camaradas!”, prisioneiros aplaudem.

Já com vinte mil manifestantes, as primeiras barricadas desse fatídico dia começam a ser erguidas. O líder do Sindicato Nacional do Ensino Superior (**Snesup**, sigla em francês) e o vice-presidente da União Nacional dos Estudantes da França pedem que o Quartier Latin - bairro na metade sul da cidade de Paris, onde os confrontos estudantis se firmaram naquele mês - seja ocupado “a todo custo”. Apesar das provocações, a polícia permanece impassível. De capa impermeável preta ou de terno e gravata, munidos de capacetes sem viseira, óculos de motoqueiro, bolsa tiracolo (contendo máscara de gás), cassetete e escudo, a polícia está por toda parte. O Quartier Latin tornou-se naquele dia um barril de pólvora.

Alunos do ensino médio, universitários, residentes e até comerciantes locais aderem ao movimento. Com uma picareta ou barra de ferro, as paralelepípedos decorativos das calçadas de Paris são extraídos das ruas. “Todos ficamos felizes porque sabíamos da nossa força. Foi esse sentimento de força e unidade que criou a atmosfera de festa e barricadas. (...) Tudo foi ficando simples, fácil. As barricadas deixaram de ser apenas um meio de autodefesa, tornaram-se símbolos de uma certa liberdade. Por isso esta noite de 10 a 11 de maio será inesquecível para quem lá esteve.”, escreve Daniel Cohn-Bendit, um dos líderes do movimento estudantil.

As barricadas se multiplicam e se consolidam com blocos de concreto, andaimes e até arames de ferro, atingindo até dois metros de altura. Enquanto o Quartier Latin está bloqueado por todos os lados, tanto pela polícia quanto pelos manifestantes, a atmosfera fica ainda mais pesada. Nesse momento, os dois grupos se enfrentam, com as armas à mão: pedras da calçada de um lado, bombas de gás lacrimogêneo do outro. As bombas de gás lacrimogêneo caem sobre os jovens manifestantes, que respondem com o lançamento de pedras, coquetéis molotov e projéteis de todos os tipos. **“Sob os paralelepípedos, a praia”**, dizia o slogan. Mas naquela noite, a areia das ruas parisienses serviu de meio de defesa, projetada na polícia graças aos compressores encontrados no local. **Os alunos também podem contar com o apoio de alguns moradores que, de suas janelas, jogam na polícia o que têm em mãos.**

No final da manhã, já no dia seguinte, o Prefeito de Paris faz um pronunciamento após o fim dos protestos. Milagrosamente, nenhuma morte ocorreu. Mas há 367 feridos, entre esses, 22 em estado grave. A brutalidade da repressão policial não consegue abafar os protestos que virão. Pelo contrário. Esgotado após a noite de motins e tomando nota da "crueldade da polícia", Daniel Cohn-Bendit acaba de lançar, na estação de rádio Europa 1, um apelo à dispersão dos manifestantes. Mas, também clama que **"todos os sindicatos, todos os partidos de esquerda, a entrarem em greve geral a partir de segunda-feira, em solidariedade aos estudantes e jovens trabalhadores"**.

Os dois maiores sindicatos de esquerda do país – a **Confederação Geral do Trabalho** (CGT) e a **Força Ouvrière** (CGT-FO, sigla em francês) – convocaram greves gerais para o dia 13 de maio, em decorrência da violência policial e a simpatia com a causa estudantil. Nesse momento, diversos artistas e poetas franceses também demonstraram apoio aos estudantes.

A greve geral de **13 de maio** teve participação de mais de 1 milhão de pessoas, que marcharam pelas ruas de Paris. O movimento desencadeou uma imensa manifestação de criatividade e discussão política à medida que os trabalhadores em todos os lugares buscavam refazer seus mundos e contribuir para a luta. Além dos trabalhadores em fábricas industriais, a luta viu arquitetos e pintores se juntarem à luta, enquanto atores entraram em greve fechando teatros em Paris e escritores ocuparam o prédio da **Sociedade dos Homens de Letras** – uma associação francesa de escritores fundada em no século dezenove pelos notáveis autores franceses Honoré de Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas e George Sand.

A greve-geral atingiu quase todos os setores da economia francesa – empregos do setor público, indústrias manufatureiras e serviços de administração e gestão pública. Durante todo mês de maio, manifestantes em greve ou que iam frequentemente às manifestações representavam um terço da população total francesa.

Nessa época, a semana de trabalho era, oficialmente, de quarenta horas semanais. Isso só foi conquistado durante a década de 30, onde trabalhadores franceses fizeram greves gerais e venceram essa reforma. Mas em 1968, **a semana de trabalho média era de 46 horas semanais, após a imposição de leis que facilitavam horas extras sob contrato de trabalho.** Muitos trabalhadores da época descrevem fábricas como ‘quartéis’. Além disso, os salários dos trabalhadores franceses estavam entre os mais baixos da Europa, com o salário mínimo de aproximadamente **2,22 francos por dia** – 45 centavos por hora – o **equivalente a menos de 40 centavos de dólar hoje em dia**.

Durante as greves de maio, alguns estudantes radicais invadiram uma fábrica da Citroën. Lá, guardas e policiais pararam nas portas da fábrica, agrediram trabalhadores por conta da leitura de 'literatura subversiva' e intimidaram ativistas sindicais. **Há um depoimento** de um jovem trabalhador que, emocionado, apontou para as portas da fábrica e gritou: **"Quando chamamos de prisão, você entende o que queremos dizer."**

Para tentar conter os avanços das greves gerais, o então primeiro-ministro George Pompidou declarou que todos os estudantes presos em decorrência das manifestações seriam soltos e não enfrentariam acusações. Além disso, a Universidade de Sorbonne – que ainda estava fechada e ocupada pela força policial parisiense – seria reaberta. Entretanto, as greves-gerais não cederam e os manifestantes se tornaram ainda mais ativos.

Após a reabertura da universidade, ainda no dia 13 de abril, estudantes ocuparam o local e o declararam como um ***"local do povo"***.

Nas universidades e escolas secundárias então ocupadas, surgiu-se uma transformação revolucionária de consciência que levou os alunos a desafiarem fundamentalmente a ordem existente, a educação e pedagogia na qual foram submetidos. **Folhetos** foram espalhados em todo o campus, proclamando satiricamente o 'sucesso de todos os alunos' em seus 'exames obrigatórios'. Um folheto específico parabenizava **'todos os alunos por passarem nos testes de: Espírito de Iniciativa, Desenvolvimento de Consciência Política, Disciplina Revolucionária, Solidariedade, Protestos e Barricadas'.**

Muitos dos relatos históricos da revolta estudantil focam somente nas instituições de ensino superior, enquanto o ativismo de estudantes do ensino médio é frequentemente esquecido. Membros dos **Comités d'action lycéen** – **Comitês de ação estudantil** – afirmavam: "A presença dos 'liceus' (estudantes) nas barricadas, nos comícios, nas ocupações, reflete a amplitude e a profundidade da crise de maio: é de fato uma crise que diz respeito ao conjunto da sociedade, onde a indiferença é impossível; e uma parte do meio do ensino médio escolheu o seu campo: desafiar o sistema, questionar instituições universitárias, sociais e políticas."

O movimento estudantil teve como objetivo particular o regime educacional de teste e punição, que dominava todos os níveis da educação francesa. Eles argumentavam que os exames eram "apenas a expressão do contrato aberrante e intolerável que conecta os usuários universitários uns aos outros, por um lado, e a sociedade capitalista, por outro."

Os comitês também denunciaram os exames universitários como "absurdos e socialmente reacionários" e demonstraram-se preocupados com os currículos, dizendo: "**estudamos, blefamos e aprendemos mais pelo exame do que para formar a nossa personalidade.** Somos julgados pelo conhecimento livresco armazenado às pressas e que rapidamente esquecemos assim que termina o exame. O exame privilegia a competição, a emulação para o sucesso social e reforça hábitos mentais individualistas. Assim, incentiva um ambiente pedagógico no qual **o homem é um lobo para os outros homens.**"

Outras motivações externa para a agitação dos estudantes eram as guerras da Argélia – que era colônia francesa – e do Vietnã. Estudantes do ensino médio participaram de manifestações antifascistas e protestaram contra a visita do então vice-presidente norte-americano Hubert Humphrey a França.

A Guerra do Vietnã teve maior peso como movimento de contracultura, por conta de sua influência na história mundial. O conflito, que durou cerca de vinte anos, foi um dos maiores atritos geopolíticos da Guerra Fria com seu saldo desolador de mortes, destruição e instabilidades. Refletindo seu contexto histórico, a guerra teve como dois polos: Vietnã do Norte e do Sul - em um contraste comunista e capitalista, respectivamente - que buscavam tomar o território oposto e unificar o país, que estava separado desde a Guerra da Indochina.

A resistência tomou ainda mais forma a partir do Movimento Hippie, tendo sua maior representação com o Festival de WoodStock. Embora muito superestimado para alguns autores, é notável que o manifesto de "3 dias de paz e música" foi cumprido. Inclusive, houve a icônica apresentação de Jimi Hendrix tocando o hino americano e imitando mísseis em sua guitarra, em alusão a Guerra do Vietnã. Se o movimento hippie, que contestava o status quo norte-americano não acabou com a guerra, sem dúvidas, ele foi essencial para uma revisão dos cidadãos americanos acerca do conflito, o que gerou sua derrocada em 1975.

Bebendo da mesma fonte do maio francês e da contracultura, o conflito foi mundialmente contestado por representar a brutalidade do imperialismo norte-americano, através de centenas de atentados contra civis e a destruição de um território estrangeiro. Um fatídico exemplo é o agente laranja, herbicida tóxico foi bombardeado durante dez anos em todo o território vietnamita pela Força Aérea dos Estados Unidos. O objetivo era dizimar as safras do norte e destruir a guerrilha comunista, que costumava a se esconder na selva para combater norte-americanos. Quarenta anos após o conflito, foi confirmado pelo governo que mais de três milhões de vietnamitas foram mortos em decorrência do produto.

Além disso, a contestação mundial do conflito foi motivada pelo fato de que essa foi a primeira vez que uma guerra foi televisionada na história, tornando a população um espectador dos horrores do conflito.

Mas não foram somente os valores militares e ocidentais que sofreram um abalo naquele mês de maio, valores patriarcais também foram chacoalhados pela segunda onda feminista.

As lutas não cessaram naquele mês para as minorias. Na verdade, essas continuaram a lutar e atingiram importantes aspectos - já na década de 70 - em questões de classe, raça, gênero e suas interferências. Como apontado por Diana Press, no livro 'Class and Feminism' (Classe e Feminismo), é preciso que a luta feminista "também confronte as opressões de raça e de classe, ampliando ainda mais a criatividade do movimento".

Ainda no âmbito feminista, a pressão pela liberdade sexual crescia naquele mês. A influência religiosa no território francês era enorme, não somente na sociedade, mas na política, o que prejudicava a luta pelo direito ao aborto. **O maio francês foi o ponto de partida para a luta ao direito de escolha, já que, nos anos conseguintes, a pauta se tornou ainda mais forte, culminando na aprovação da 'Lei Veil'**, já na próxima década- em homenagem à Simone Veil, então Ministra da Saúde do país, que foi responsável pela elaboração do projeto de lei.

"Digo com toda a convicção: o aborto deve continuar a ser a exceção, o último recurso em situações sem saída. Mas como tolerá-lo sem perder seu caráter excepcional, sem que a sociedade pareça incentivá-lo? Em primeiro lugar, gostaria de partilhar convosco uma convicção de mulher - peço desculpa por fazê-lo nesta Assembleia quase exclusivamente composta por homens: nenhuma mulher recorre com alegria ao aborto. Você apenas tem que ouvir as mulheres. Ainda é um drama e sempre será um drama. Por isso, se o projeto que vos é considerado a situação factual existente, admite a possibilidade de interrupção da gravidez, é para controlá-la e, tanto quanto possível, para dissuadir a mulher de o fazer". **Esse foi o discurso da então Ministra na apresentação inicial do projeto de lei na Assembleia Nacional Francesa, em 1974.**

Imagem:

Fotografia tirada pelo repórter Jean-Pierre Rey, que ficou posteriormente conhecida na história como *La Marianne de Mai*. A imagem se tornou popular por conta de sua semelhança com a pintura *'Liberdade liderando o povo'*, de Eugène Delacroix.

É relatado em sua biografia, ***"Simone de Beauvoir: uma vida"***, que Beauvoir e seu parceiro, o também filósofo Jean-Paul Sartre, davam assistência frequente aos jovens estudantes. Ela costumava a organizar reuniões frequentes em seu próprio apartamento para direcionar e auxiliar os estudantes em suas pautas e reivindicações. O casal - sobretudo Sartre, que era mais chegado a vida política e a exposição pública de suas opiniões ideológicas - também participou de diversas reuniões em grandes universidades francesas, como Sorbonne e Nanterre, assim como em reuniões organizadas pelos comitês de ação estudantil.

Tais comitês surgiram em resposta a repressão dos estudantes do ensino médio que participavam de manifestações e greves. Muitos eram presos pela polícia e até suspensos de suas escolas. Por este motivo, os comitês foram criados, com o objetivo de mobilizar estudantes para democratizarem suas escolas e apoiarem demandas de estudantes universitários e trabalhadores em Paris. Após o início dos protestos e a grande greve geral de 13 de maio, já citada, começaram a surgir panfletos em toda Paris tentando atrair cidadãos para se juntar aos comitês.

As primeiras fábricas são ocupadas no dia seguinte a greve-geral, já pelo tardar da noite, **começando pela fábrica da empresa francesa de aviação, Sud-aviation,** por cerca de dois mil manifestantes durante a madrugada do dia seguinte. Os trabalhadores da Sud-aviation **conseguiram manter a greve por um mês completo**, permanecendo na fábrica quase a todo momento. Em um certo ponto, familiares de manifestantes começaram a viver no local, ajudando em tarefas e no movimento.

"Ao longo do dia 15 de maio, a fábrica e seus arredores pareciam um gigantesco canteiro de obras, mas os trabalhadores logo arrumaram o cenário e suas estruturas em ruínas, começando a construir coberturas e cabines. Não há necessidade de líderes ou ordens do sindicato para esta colônia de formigas. Solidariedade e autodisciplina podem fazer maravilhas. A "comuna" tomou forma, uma "Administração do Povo" colocando as coisas no lugar com uma eficiência surpreendente. Participantes, simpatizantes e moradores ficaram mudos com toda essa agitação. Em pouco tempo, a cerca de um quilômetro depois da fábrica, uma placa colocada pelo comitê conjunto dos sindicatos delineava as fronteiras da área ocupada.", escreve François le Madec – ativista sindical que trabalhava na fábrica durante a ocupação – que faz um relato de primeira-mão em seu livro **L'aubépin de mai** – Os espinhos de maio.

Agentes municipais aderiram à greve-geral e demonstraram suporte ao movimento, o que facilitou a continuidade da ocupação sem grandes disputas. Entretanto, o maior conflito durante a ocupação foi decorrente do sequestro do diretor da empresa, **Pierre Duvochel** e mais dezoito executivos, que foram libertados em menos de dez dias e sem danos físicos.

No mesmo dia, cerca de quinhentos mil metalúrgicos entraram em greve em uma fábrica da Claas, empresa responsável pela produção de tecnologia agrícola. Com essas ocupações, os sentimentos revolucionários impulsionaram cada vez mais greves ao decorrer da semana, culminando na maior greve-geral da história francesa, com a adesão de aproximadamente dez milhões de trabalhadores.

Daniel Singer – escritor e jornalista – **descreve** como o potencial revolucionário irrompeu quando a luta desencadeou o debate político e questionou todos os aspectos da sociedade: "Nas fábricas ocupadas, nos escritórios, nos laboratórios, nas ruas, as pessoas conversavam, questionando as estruturas hierárquicas e sua função na sociedade. Professores, sociólogos, cientistas debatiam seu próprio papel na ordem existente. Por toda parte, as engrenagens pensantes estavam ponderando seu lugar na máquina."

Ainda no mesmo dia, a Sorbonne se autodeclara como uma ***'comuna livre'***.

Pouco tempo depois, já haviam cerca de cinquenta fábricas ocupadas em toda a França. Trabalhadores se recusavam a deixarem seus postos com medo de serem demitidos e faziam enormes barricadas nas portas das fábricas, demandando salários justos e melhorias nas condições de trabalho. O comitê de ocupação da Universidade de Sorbonne ajudou a fomentar ainda mais a crise sociopolítica e demandou a ocupação imediata de todas as fábricas na França, somada a criação de conselhos de apoio aos trabalhadores grevistas.

Imagem:

Jean-Paul Sartre, parceiro da filosófa Simone de Beauvoir, fala aos alunos reunidos na Sorbonne em 21 de maio de 1968

AFP / Georges Bendrihem

Jornalistas franceses aderem à greve:

Enquanto a imprensa internacional temia as revoltas populares francesas e já associava a nação a uma espécie de novo 'socialismo europeu', a imprensa francesa cobria os acontecimentos com orgulho e chegava a apoiar o movimento publicamente. A **ORTF** (**Office de Radiodiffusion-Télévision Française – Escritório francês de radiodifusão e televisão**) era a maior companhia de mídia do país e possuía praticamente um monopólio de audiência. Mais da metade dos lares franceses a tinham como sua fonte primária de informação.

Jornalistas, produtores, cinegrafistas, redatores e diversos funcionários decretaram apoio e participação na greve-geral e tiveram apoio de organizações gerais do cinema francês, assim como de sindicatos. Uma série de panfletos foram confeccionados e distribuídos pelas ruas da capital explicando o porquê dos profissionais de comunicação aderirem à greve.

Nele, é dito: "Os jornalistas de rádio e televisão, pretendem exercer nossa profissão livremente. Sempre procuramos fazer isso. Mas as pressões do governo e da gestão da ORTF, escolhida por esse governo, estão privando você de algumas das informações que coletamos para você. Uma grave crise estourou no país. Estamos cientes de nossas obrigações para com você, tudo fizemos para mantê-lo informado até o dia em que fomos totalmente impedidos. **Recusamos então um noticiário truncado e juntos protestamos parando de trabalhar.**"

O jornal francês **Le Monde** critica o fato da agência ser financiada por verba estatal e ser considerada como um monopólio de mídia. Em um artigo, o jornal observa haver a "estranheza com que a ORTF reforçou, em vez de tentar suavizá-la, a intransigência do governo, criando inquietação entre os jornalistas. Vamos permitir a ideia de que existem duas categorias de jornalistas na agência: os 'condicionados', que estão sujeitos aos constrangimentos da propaganda e censura governamental, e os 'emancipados', que pretendem exercer sua profissão de jornalista com preocupação e honestidade."

A greve dos jornalistas se fortaleceu ainda mais logo depois que o então Ministro das Comunicações Yves Guén, gaullista, **decidiu cortar qualquer meio de transmissão do Quartier Latin – bairro francês que era um dos focos dos manifestantes.** Poucos dias depois, jornalistas aderem oficialmente à greve e possuem apoio dos sindicatos. Com isso, mais profissionais de empresas privadas resolvem aderir ao movimento, assim como grandes nomes do jornalismo francês.

O sindicato dos jornalistas criou uma "comissão permanente" para o "respeito da objetividade da informação". Essa assembleia votou pela greve e confeccionaram uma lista de reivindicações, incluindo autonomia jornalística diante o poder que o Estado possuía na ORTF - por conta do financiamento estatal - e a criação de um 'estatuto pessoal' para os membros da imprensa. Contudo, a ORTF só iria aderir oficialmente à greve geral no dia 25 de maio.

No mesmo dia da adesão - não-oficial - dos jornalistas franceses ao movimento grevista, uma fábrica da montadora Renault é ocupada, onde mais de quatro mil trabalhadores sequestraram diretores e executivos da empresa e mais de 70 mil metalúrgicos aderem à greve-geral.

E o Brasil?

Enquanto o jornalismo francês se revolucionava, através de uma maior aproximação da população e uma ampla participação e cobertura dos protestos daquele mês, o jornalismo brasileiro - me dói chama-los assim - manipulou uma boa parte da população do país para apoiar um golpe militar e a derrocada da democracia. Porém, existem exemplos de quando essa manipulação saiu das folhas de papel e se materializaram na história.

A Comissão Nacional da Verdade - realizada no antigo governo da ex-presidente Dilma Rousseff em busca de punir crimes ocorridos no período militar - revelou em um relatório que a Folha de São Paulo, o maior jornal do país, emprestou carros da redação do jornal para a Operação Bandeirante, um centro de investigações do Exército que combatia organizações de esquerda e perseguia opositores políticos durante a ditadura. Octávio Frias de Oliveira, dono do jornal na época, também fazia visitas frequentes ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que foi responsável pela censura de meios de comunicação e cultura, além da tortura de centenas de brasileiros.

É chocante como após cinquenta anos desse feito, uma retratação formal as vítimas do regime nunca foi feita, por tais veículos. Além disso, uma requalificação dos profissionais em tais redações nunca foi feita - o corpo pode ter mudado, mas a cabeça ainda é a mesma. Não só esqueceram, aparentemente, de se desculparem pelo apoio a um regime sanguinário que traz terror ao país até hoje, como fazem questão de transformar esse apoio em piada.

"Mas, se as chamadas "***ditabrandas***" - caso do Brasil entre 1964 e 1985 - partiam de uma ruptura institucional e depois preservavam ou instituíam formas controladas de disputa política e acesso à Justiça-, o novo autoritarismo latino-americano, inaugurado por Alberto Fujimori no Peru, faz o caminho inverso. O líder eleito mina as instituições e os controles democráticos por dentro, paulatinamente.", assina o jornal Folha de São Paulo no Editorial **"Limites a Chávez"**. Nesse material, o corpo editorial acredita que a ditadura militar brasileira foi amena, tranquila, já que possuía "formas controladas de disputa política e acesso à Justiça". Ademais, **fazem um aceno positivo a Alberto Fujimori**, ditador peruano responsável por dezenas de massacres orquestrados, esterilização forçada e ilegal de mais de duzentas e cinquenta mil mulheres e perseguição de opositores políticos.

O jornalista André Oliveira, do El País, expressa bem a sensação dos brasileiros da época ao dizer que **'maio de 1968 não foi um mês no Brasil, mas um ano inteiro'**.

Outra semelhança entre brasileiros e franceses da época é o espírito de mudança presente nos estudantes. A **Sexta-feira sangrenta** (**21 de junho de 1968**) é uma data histórica marcada pela inspiração juvenil, já que, nesse dia, estudantes cariocas se reuniram em frente da sede do **Jornal do Brasil** buscando um aumento da verba pública e o fim da violência dos militares contra os estudantes. Em resposta, **vinte e oito estudantes foram assassinados e mais de mil presos.** Nota-se que nesse dia em específico, a repressão contra os estudantes foi consideravelmente mais violenta. Um dos motivos é a ascensão de movimentos revolucionários e de contracultura - **como o maio francês** - ao redor do mundo, o que preocupava Estados autoritários. Não é uma coincidência que o Ato Institucional n° 5 (**AI-5**) foi promulgado ao fim daquele ano.

No entanto, mesmo veladas, as manifestações contra o governo militar - inspiradas no maio francês - permaneceram. Sejam por músicas, receitas de bolo nas capas dos jornais censurados e poemas, a resistência permaneceu ativa. Nomes como **Gilberto Gil**, **Zuzu Angel** e **Vladimir Herzog marcaram sua presença nisso e foram fundamentais para manter o sentimento de insatisfação latente no povo,** assim como a esperança firme.

Especial produzido pela Revista Sabiá

O começo do fim.

Após quase um mês completo de protestos e greves-gerais, os Acordos de Grenelle são postos a mesa. Naquele mesmo dia, o país inteiro estava sem gasolina e sem linhas telefônicas. Esse representava um **conjunto de reformas na área econômica e melhorias nos direitos trabalhistas** como: um aumento de 35% no salário mínimo; que vai para 3 francos por hora, a criação de uma secção sindical em todas as empresas com mais de cinquenta empregados e uma diminuição na jornada de trabalho para quarenta horas semanais.

Com um mês de luta, trabalhadores franceses conseguiram o mínimo: condições dignas de trabalho. Mas não se engane, essa luta não foi feita somente por grevistas e sim toda a sociedade francesa. Durante todo o mês, diversas regiões do país ficaram sem luz e água. A gasolina foi escassa e quase causou um desabastecimento dos mercados. Pessoas comuns sacrificaram bens materiais, como carros e até móveis, para a criação de barricadas nas ruas.

Foram contabilizados quase dois mil manifestantes feridos por forças policiais - no qual duzentos desses estavam em estado grave - e existem documentações oficiais e não oficiais de mil até cinco mil prisões. Vários estudantes do ensino médio que participavam ou apenas visitam os comitês de ação estudantil foram suspensos e até expulsos de seus colégios. Universitários de todos os cursos reprovaram em seus exames por se recusarem a frequentar aulas até que melhorias educacionais fossem feitas.

Esse não é o fim oficial do maio francês, mas é onde iremos encerrar, para fazer um questionamento. Falamos por parágrafos e parágrafos sobre a década de sessenta no mundo, esperando que você note a semelhança de tal época, com a atual. Com o pior dos dois mundos, o Brasil de hoje tem o contexto social da ditadura militar e a economia da França gaullista.

Mas a economia francesa da época não só era sustentada através da exploração de trabalhadores, mas também por valores tradicionais e conservadores que mantinham a estrutura sólida. Um desses exemplos é o ultra-nacionalismo presente nas falas de gaullistas, onde instituições estatais devem ser sempre respeitadas e jamais questionadas - **por este motivo, organizações sindicais eram inimigas do gaullismo tradicional e sua doutrina**, já que questionavam seriamente as políticas trabalhistas do governo.

Esse ultra-nacionalismo também é presente no ódio que eles possuíam de organizações internacionais, como as Nações Unidas, pois, julgavam que a base de pensamento da sociedade francesa jamais poderia ter influência externa. Para eles, a única cultura a ser adorada é a francesa. Além disso, gaullistas defendiam que o poder Executivo deveria ser o mais forte e estável, com o adicional de um Presidente da República intocável. Certa vez, **De Gaulle esbravejou: "a [única] Suprema Corte é o povo!", não deixando dúvidas da hostilidade que gaullistas possuíam não só contra a Suprema Corte francesa, mas, na realidade, qualquer órgão ou instituição que poderia limitar os poderes do general.** Foram valores como estes que sustentaram governos gaulistas. Mas há uma contradição, ou uma hipocrisia, que também é semelhante a um governo latino-americano que você talvez conheça.

Enquanto o general gritava para seus apoiadores que os sindicalistas estavam errados e eram criminosos, que 'tanto visões de esquerda, como de direita eram ultrapassadas, assim como discussões entre capitalismo e socialismo' e que o país deveria se libertar da independência externa, o trabalhador francês médio ganha menos de cinco baguetes por hora. Enquanto isso, o grande general, que claramente lutava pelas massas francesas, recebia noventa e três mil euros por ano.

Isso te lembra alguém?

Então, se o presente é motivo de dor, que a coragem de 68 nos inspire a transformar o futuro. O Gaulismo de ontem é o bolsonarismo de hoje. **A chama do maio francês continua tão acesa quanto o incêndio na bolsa de Paris.**

Festival de Cannes:

Mas retornando a Europa, houve uma outra parte da comunicação francesa afetada pelos protestos: o Festival de Cannes, um dos festivais cinematográficos mais prestigiados em todo o mundo. Dias antes do evento, a Associação Francesa de Críticos emitiu uma nota pedindo aos participantes do festival que se juntassem às manifestações de apoio aos estudantes grevistas, além de pedir a suspensão do festival. A Associação alegou que "a violenta repressão policial atenta contra a liberdade cultural da nação, as tradições laicas de suas universidades e seus princípios democráticos". Poucos dias depois, a Assembleia Geral de Professores de Cinema também pediu a suspensão do festival. No entanto, a organização do festival se recusou.

Foi nesse momento que surgiu um movimento na sétima arte conhecido como Nouvelle Vague. Esse movimento trouxe para o cinema as transgressões dos movimentos de 68, destacando-se pela quebra das regras do cinema comercial, em prol do fazer artístico. Os filmes, que possuíam baixo orçamento e atores principiantes, retratavam a vida e suas modificações trazidas pelos movimentos de maio, como o amor livre. Entre seus diretores, destacavam-se Godard, Truffaut e Varda. Os dois primeiros seriam, posteriormente, responsáveis pelo maior boicote cinematográfico daquele ano.

Em uma entrevista coletiva à imprensa na manhã do dia 18 de maio, foi criado um painel de discussão dos membros do Comitê de Defesa da Cinemateca, com a presença dos diretores Jean-Luc Godard e François Truffaut - este último seria banido posteriormente do Festival por seu apoio aos manifestantes. "A França está em estado de sítio, depois que uma onda de protestos estudantis recentes se transformou em greves nacionais e distúrbios violentos. O rádio anuncia a cada hora que as fábricas estão ocupadas ou fechadas", disse Truffaut. "Os trens pararam, o metrô e os ônibus serão os próximos. Portanto, anunciar a cada hora que o Festival de Cinema de Cannes continua é simplesmente ridículo. " Godard foi mais direto: "Estamos falando de solidariedade com estudantes e trabalhadores, enquanto você está falando de fotos e closes de bonecos. Você é um idiota. "

Como o festival - que também seria no dia 18 - ainda não havia sido cancelado pela organização, cineastas tiraram seus filmes da competição e membros do júri renunciaram a suas funções. Outros tentaram se agarrar as cortinas vermelhas do festival para impedir a exibição dos filmes. Manifestantes sobem ao palco e impedem que qualquer sessão seja exibida. No fim do dia, a direção do festival anuncia o cancelamento da competição, mas com a continuação das exibições. No entanto, de **28 filmes que seriam exibidos, apenas 11 conseguiram aparecer nas telas** e nenhuma premiação foi feita.

Ao longo dos próximos dias, as manifestações se tornam ainda maiores e cada vez mais trabalhadores aderem à revolta. A situação implodiu logo após uma ordem executiva do Ministro do Interior de impedir a entrada de um dos líderes do movimento estudantil, **Daniel Cohn-Bendit**, em território francês. Daniel estava em uma viagem para tratar de assuntos políticos com movimentos estudantis estrangeiros em **Saarbrücken**, cidade alemã. Poucos dias depois, ele consegue retornar para a França escondido, após pintar seus cabelos e se esconder em um porta-malas. Ele ficou no país por somente quatro dias, mas chegou a participar de protestos e reuniões abertas em universidades. Sua expulsão do território francês durou dez anos, mesmo com o fim das manifestações.

Como dito, os protestos se fortaleceram ainda mais após a expulsão do ativista. Na semana que se seguiu, diversos setores públicos - como correios e transporte público - aderiram às paralisações. Com a escalada da agitação e radicalidade dos manifestantes, autoridades francesas começaram a entrar em contato com sindicatos, políticos e líderes sociais para a elaboração de um acordo, que preferencialmente culminasse no fim dos protestos.

Mas a elaboração foi demorada demais para conter um dos maiores feitos dos manifestantes: **o incêndio na Bolsa de valores de Paris.** Duas horas antes, Charles de Gaulle anunciou aos franceses um referendo em junho "sobre a renovação", que levará à sua saída se o "não" vencer. **"Adieu de Gaulle, Adieu"** - **"Adeus de Gaulle, adeus"**, tradução livre - cantaram em resposta aos manifestantes.

Na praça da Bolsa, em Paris, cerca de três mil manifestantes estavam reunidos e após o pronunciamento, começam a se chocar entre si. Alguns, considerados como moderados, queriam retomar os protestos no bairro do Quartier Latin, enquanto outros queriam invadir a Bolsa parisiense. "Vamos galera, quebrem tudo, esse é o templo do capitalismo". A princípio hesitantes, depois gradualmente encorajados pela emoção de gritos, ordens, insultos e o som das janelas, cada vez mais numerosas e estilhaçadas, os manifestantes invadem o edifício.

Após perceberem que a polícia estava chegando, alguns juntam caixotes, cadeiras e destroços e incendiam o local. O prédio não foi totalmente danificado e não houve nenhum ferido, mas o ocorrido se tornou um dos diversos marcos históricos e culturais do mês de maio daquele ano.

Mas os esforços e as motivações revolucionárias do maio francês se encerrariam pouco tempo depois. O então primeiro-ministro George Pompidou havia assumido informalmente as funções do presidente de Gaulle - já que este perdera apoio popular - e elabora um acordo entre os manifestantes, a classe trabalhadora e o governo.